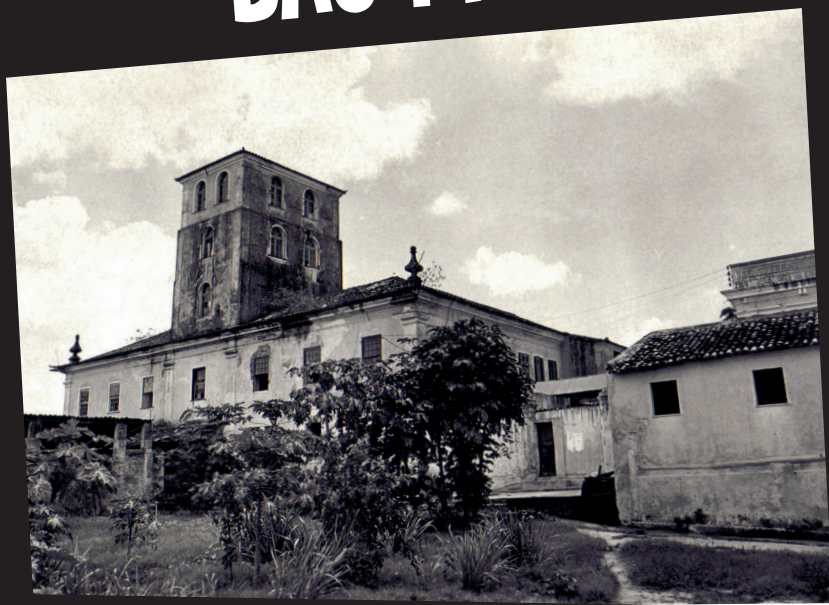


#

ENGENHO, DAS MEMÓRIAS



JAQUES WAGNER	Governador do Estado da Bahia
MÁRCIO MEIRELLES	Secretário de Cultura (SECULT)
ÂNGELA ANDRADE	Superintendente de Cultura (SUDECULT)
CARLOS PAIVA	Superintendente de Promoção Cultural (SUPROCULT)
GISELE NUSSBAUMER	Diretora da Fundação Cultural do Estado da Bahia (FUNCEB)
GIULIANA KAUARK	DIMAC / Diretora de Espaços Culturais
CHICCO ASSIS	DIMAC / Coordenador do Cine Teatro Solar Boa Vista

O Solar é um Ponto de Cultura.

EXPEDIENTE:

Organização: Márcio Nicory (Professor da Oficina de Pesquisa e Memória do Ponto de Cultura) | **Pesquisa e textos:** Chicco Assis, Márcio Nicory e agentes de pesquisa da oficina de Pesquisa e Memória – Adriana Régis, Andréa Betânia da Silva, Ednéia Rodrigues, Leila Leal, Mauro Góis | **Imagens:** Oficina de Pesquisa e Memória, Acervo do Memorial Juliano Moreira, do GRID e do Grupo Badauê | **Revisão e seleção de imagens:** André Araújo e Viviane Andrade | **Projeto gráfico, diagramação e ilustração:** Aline Cruz | **Impressão:** EGBA | **Tiragem:** 1600 exemplares

Distribuição gratuita. Venda proibida.

Cine Teatro Solar Boa Vista | Praça Marques de Abrantes, s/nº, Parque Solar Boa Vista, Engenho Velho de Brotas. Salvador / BA | 71 3226-2000 | www.blogdosolar.wordpress.com | cineteatro.solar@gmail.com

EDITORIAL



Este livreto é resultado da Oficina de Pesquisa e Memória do Ponto de Cultura do Cine Teatro Solar Boa Vista, realizada entre novembro de 2009 e outubro de 2010.

Aqui vamos encontrar alguns fragmentos da história do Engenho Velho de Brotas, bairro onde se situa o Solar Boa Vista e onde acontecem as atividades do Ponto de Cultura. Bairro que é um capítulo importante para a história da Bahia, que merece uma atenção especial.

As histórias do Engenho Velho de Brotas fazem parte de mim e de muitos outros. Faz parte da nossa história, cada índio que aqui viveu, cada cana-de-açúcar aqui plantada e moída. O olhar de escravidão que o senhor lançava, do alto da torre do Solar da Boa Vista, para a praia. A liberdade dos versos de Castro Alves. Faz parte de nós a loucura de cada louco que por aqui passou, viveu ou enlouqueceu. Cada arte aqui criada, cada ser aqui feito artista.

A efervescência artística, principalmente a musicalidade percussiva deste bairro, tem contribuições determinantes para a cena cultural baiana. Ela vem dos Terreiros de Candomblé, das festas do Dois de Julho e de Santa Luzia, do Afoxé Badaué, do Samba Junino e de tantos outros lugares e manifestações. E de Castro Alves, Pierre Verger, Mestre Bimba, Márcia Short, Ninha, Márcio Vitor, Bambam, Aloísio Menezes, Jussara Matias, AC Costa e de tantos outros artistas e personalidades que nasceram ou decidiram viver no Engenho Velho de Brotas.

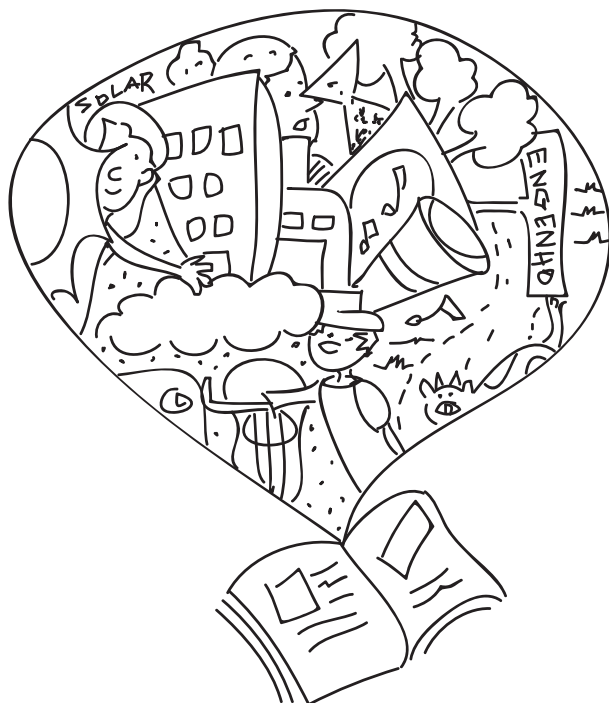
Nesse momento, a opção por omitir a tristeza e a violência de algumas das histórias aqui contadas, não é por desconsiderar a importância delas, mas porque, os aspectos ruins já têm muita gente contando.

Aqui há a valorização do que há de melhor na história desse bairro: cada ser humano que a constrói, cria, recria, dá significado e ressignifica cotidianamente. E é esta a razão da emoção que temos de poder contribuir, através deste livreto, com o registro e a perpetuação da história do Engenho Velho de Brotas.

Para isso, pedimos a benção dos mais velhos, a licença dos mais novos e a inspiração dos ancestrais.

Chicco Assis

Coordenador do Cine Teatro Solar Boa Vista



SUMÁRIO

07 É “Aonde”?

08 Meu Bairro, Minha Cidade

10 No começo foi assim

12 Como o bairro se formou

15 Um poeta da liberdade no Engenho

16 De residência de Castro Alves a Hospital Psiquiátrico

19 Um bairro de malucos?

22 Manda pro Juliano!

23 E depois do Hospital no Engenho?

25 Do Engenho ao Parque

26, 48, 54 Memória

30 O que já não existe mais

32 Afoxé: “No Badauê toda grandeza da vida no sim/não”

36 O Engenho Velho de Brotas Hoje

50 Da resistência às ruas

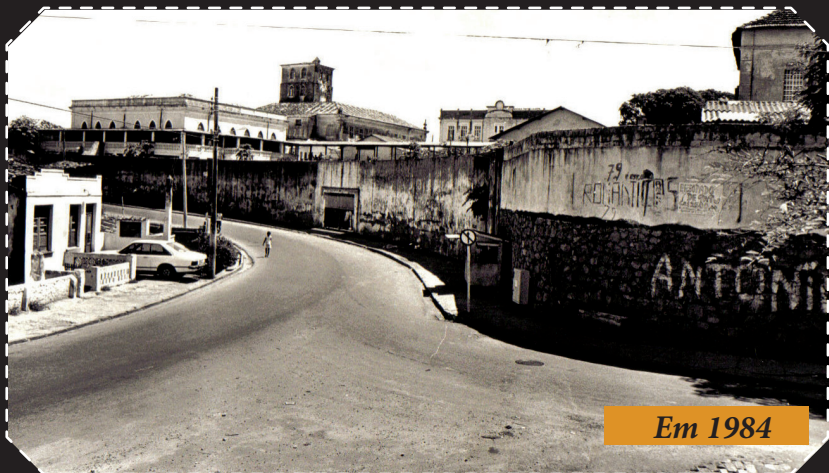
53 Engenho em Movimento

56 Reticências

59 Agradecimentos

60 Referências

62 Para Saber Mais



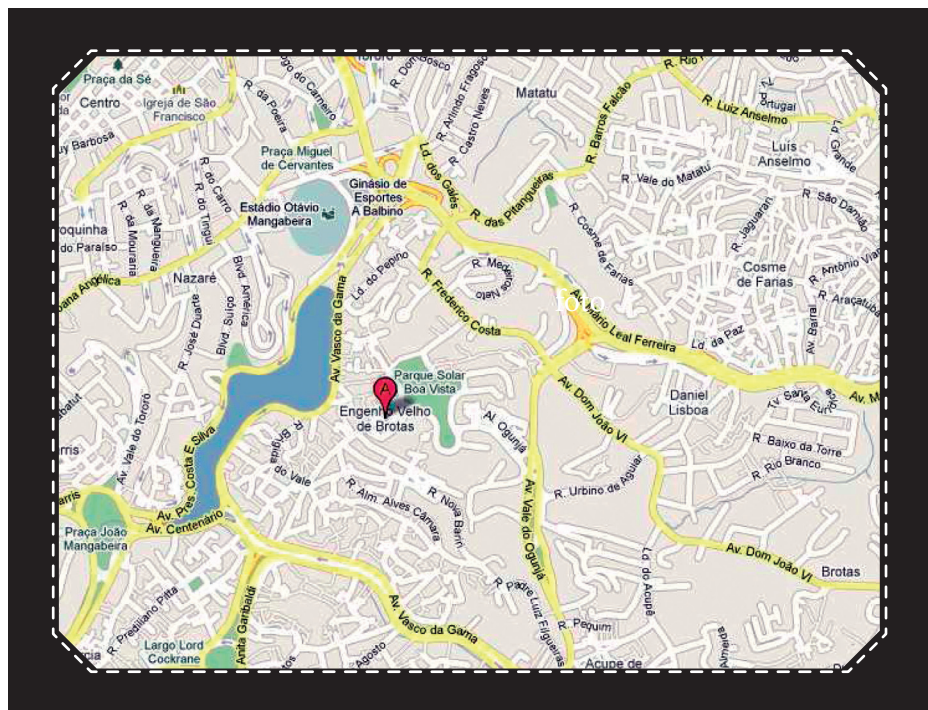
Em 1984

ENGENHO VELHO DE BROTAS



Em 2010

É “AONDE”?



Essa é a sua área!

Em 25 de Março de 1549, Thomé de Souza e sua comitiva aqui aportaram e fundaram a cidade de São Salvador. A partir de suas primeiras edificações, localizadas nos arredores da atual Praça Municipal, a então cidade-fortaleza expandiu seus limites originais e não parou mais de crescer. Salvador hoje possui, aproximadamente, 3 milhões de habitantes e está dividida em 18 regiões administrativas. **É a cidade com a maior população negra fora da África.** Cada bairro é um pedaço fecundo, recheado dessa História. O Engenho Velho de Brotas é parte disso. Este é o seu bairro, essa também é sua história!

MEU BAIRRO, MINHA CIDADE...

#*Mas, por que Engenho Velho de Brotas?*

Já no nome uma referência histórica. O **Engenho Velho de Brotas**, na Salvador atual, é subdistrito de **Brotas**. Limita-se ao norte com a localidade de **Cosme de Farias**, ao Sul com os bairros do **Garcia** e **Federação**, a oeste com o **Dique do Tororó** e a leste com o **Vale do Ogunjá**.

O bairro é considerado um dos mais populosos da cidade. De ocupação antiga e gradual, apesar das avenidas principais que margeiam o **Parque Solar Boa Vista**, o Engenho Velho é permeado por ruas estreitas. São também muitas as ladeiras que desembocam no Dique do Tororó, resultado das irregularidades do solo.



Cheio de histórias e personagens, o bairro, oriundo de uma fazenda-engenho, é marcado pela presença de negros e negras, sendo berço de importantes manifestações culturais afro-brasileiras da cidade. Foram criados no bairro vários afoxés e blocos, como o Badauê, o Ôkanbí e o Clube Carnavalesco Congo d'África e suas alas de baianas, cablocos, reis e rainhas, tocadores etc. Lá se encontram diversas casas de candomblé. O Engenho foi local de nascimento e trabalho do Mestre Bimba; do grupo musical “Os Românticos”, sucesso nas décadas de 50 e 60 na cidade; residência de Pierre Verger; morada de Ninha da Timbalada, de Seu Dodô do primeiro afoxé do bairro, do cantor e percussionista Márcio Victor, da cantora Márcia Short, do ex-goleiro da seleção, Dida, e de tantas outras personalidades.

VOCÊ SABIA?

O nome “engenho” era dado às propriedades agrárias que produziam açúcar no período colonial brasileiro. Uma possível referência ao maquinário que moía a cana-de-açúcar. No auge da produção açucareira, as fazendas com seus engenhos se espalharam compondo a paisagem nordestina. O Engenho dos Machado ou Engenho da Boa Vista era um deles e expressava as transformações da economia do açúcar e as relações do seu proprietário com o comércio de mão-de-obra de origem africana.



NO COMEÇO FOI ASSIM...

Quem anda pelas ruas do **Engenho Velho de Brotas**, subindo e descendo suas ladeiras, ou tomando a **Rua Boa Vista** como via, quase sempre vê um casarão imponente: o **Solar Boa Vista**. A remissão à sua antiguidade é inevitável. Mas, parece difícil imaginar que há muito tempo ali viveu um senhor de engenho, mercador de escravos, e que a construção, ponto mais alto da antiga cidade, servia como mirante para observar a movimentação marítima na **Baía de Todos os Santos**.

As primeiras histórias do lugar estão associadas ao período colonial brasileiro e se misturam às histórias da antiga freguesia de Brotas e a construção do Solar Boa Vista, datada do final do século XVIII, e que se tornou um marco no desenvolvimento e ocupação da área.

As memórias do bairro nos levam à desaparecida **Fazenda da Boa Vista**, localizada na freguesia de Nossa Senhora de Brotas, e de seu proprietário, Joaquim José de Santana Machado, um homem conhecido como Machado da Boa Vista. Na época, as suas terras abrangiam uma larga área que compreendia grande parte do atual bairro de Brotas, **Engenho Velho da Federação** até a **Avenida Lucaia** (trecho final da hoje Avenida Vasco da Gama, encontrando a Av. Lucaia, no Parque Cruz Aguiar) e era conhecido no início do século XIX como sendo a “Roça dos Machado”. Sabe-se que, em 1831, a propriedade foi vendida para Joaquim Ramos de Araújo. Assim, de uma Fazenda, Engenho, Roça, Casa Grande, Solar... nasceu o Engenho Velho de Brotas.

VOCÊ SABIA?

A origem da palavra “**Brotas**” é fruto de uma mudança no antigo nome de como era conhecida a região - de “**Grotas**”. Conta-se que pouco abaixo do local onde foi erguida a nova matriz da Igreja, na **Cruz da Redenção**, morava um homem que ordenhava uma vaca em sua propriedade. Em uma situação de dificuldade, ao encontrar a vaca atolada num lameiro, invocou a interseção da Virgem, que, sem hesitações, apareceu-lhe com o Deus Menino nos seus braços. O episódio lendário acabou dando origem ao modo como é representada a imagem da padroeira na **Matriz de Brotas**, antes denominada de Nossa Senhora de Grotas: um homem ajoelhado aos seus pés, em súplica, com uma vaca ao seu lado. Para conhecer melhor essa história, leia o livro de Cecília Silva, “A cidade de Salvador nos seus 454 anos”.



COMO O BAIRRO SE FORMOU...

O bairro do Engenho Velho de Brotas também foi residência de um dos mais conhecidos poetas brasileiros, o baiano **Castro Alves**, conhecido como o poeta dos escravos. E o Solar teria sido fonte de inspiração para muitos de seus poemas!

Conta-se que a altitude e o sítio arborizado do entorno do Solar do Machado atendiam às pretensões do pai do poeta, Dr. Antônio José Alves, que era instalar no Solar um misto de residência familiar e hospital para atender seus pacientes. Conta-se também que, para agradar sua esposa, Dr. Antônio Alves, mandou plantar dezenas de árvores frutíferas e flores nos arredores do Sobrado. Algumas delas, atestam os moradores, são “tão antigas quanto os tempos de Castro Alves”.



*Como a águia, que do ninho talhado no rochedo
Ergue o pescoço calvo por cima do fraguedo,
- (P'ra ver no céu a nuvem, que espuma o firmamento,
E o mar, - corcel que espuma ao látego do vento...)
Longe o feudal castelo levanta a antiga torre,
Que aos raios do poente brilhante sol escorre!
Ei-lo soberbo e calmo o abutre de granito
Mergulhando o pescoço no seio do infinito*

(fragmento do poema “A Boa Vista”)

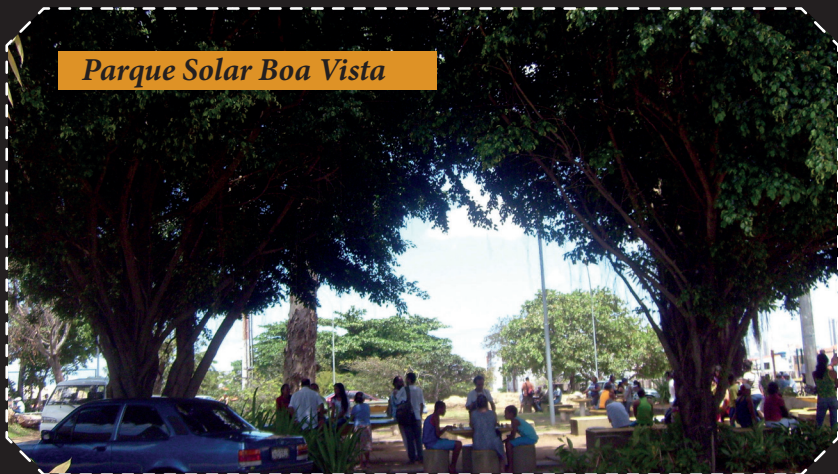
Torre do Solar Boa Vista



*Não! Minha velha torre! Oh! Atalaia antiga,
Tu olhas esperando alguma face amiga,
E perguntas talvez ao vento, que em ti chora:
Por que não volta mais o meu senhor d'outora?
Por que não vem sentar-se no banco do terreiro
Ouvir das criancinhas o riso feitiço,
E pensando no lar, na ciência, nos pobres
Abrigar nesta sombra seus pensamentos nobres?*

(fragmento do poema “A Boa Vista”)

Parque Solar Boa Vista



UM POETA DA LIBERDADE NO ENGENHO...



#

Antônio Frederico de Castro Alves nasceu em 14 de março de 1847. Poeta, ícone do Romantismo, e com forte veia abolicionista, Castro Alves veio ao mundo numa fazenda – Cabaceiras - a sete léguas da vila de Curralinho. Depois de sucessivas mudanças, primeiro para São Félix e depois para a capital Salvador a família passa a residir, em 1858, na Chácara da Boa Vista, nos arredores de Brotas.

Foi no então, Solar Boa Vista, no largo do bairro do Engenho Velho de Brotas, que o poeta viveu. Acredita-se que as paisagens contempladas do mirante do Solar foram fonte de inspiração em muitos de seus poemas.

Numa caçada, na distração para superar as perdas amorosas, conta-se que feriu o pé acidentalmente, e que, após variadas e frustradas cirurgias, acabou sendo amputado. Sua saúde ficou frágil, abrindo terreno para outras doenças, como tuberculose e gangrena. Vítima da tuberculose, ele faleceu em 6 de julho de 1871, com apenas 24 anos, mas deixando uma rica herança poética.

DE RESIDÊNCIA DE CASTRO ALVES A HOSPITAL PSIQUIÁTRICO...

Em 1858, a chácara é adquirida pelo Dr. Antônio José Alves, pai do poeta **Castro Alves**. Nessa época, o pequeno Antônio Frederico (apelidado de Cecéu), que em breve ficaria conhecido como Castro Alves, tinha 11 anos. Castro Alves e seu irmão Zezinho desbravavam os arredores do Solar, que era repleto de mangueiras, de pés de sapotis, cajaranas e cajás, e sons de uma fauna de sanhaços, azulões, canários da terra, andorinhas e bem-te-vis. “Havia ladeiras e caminhos imprevistos, um convite à aventura. De estilingues à cintura eles (Cecéu e Zezinho) haviam também de descobrir os mistérios da cidade da Bahia” (SILVA, 2001).



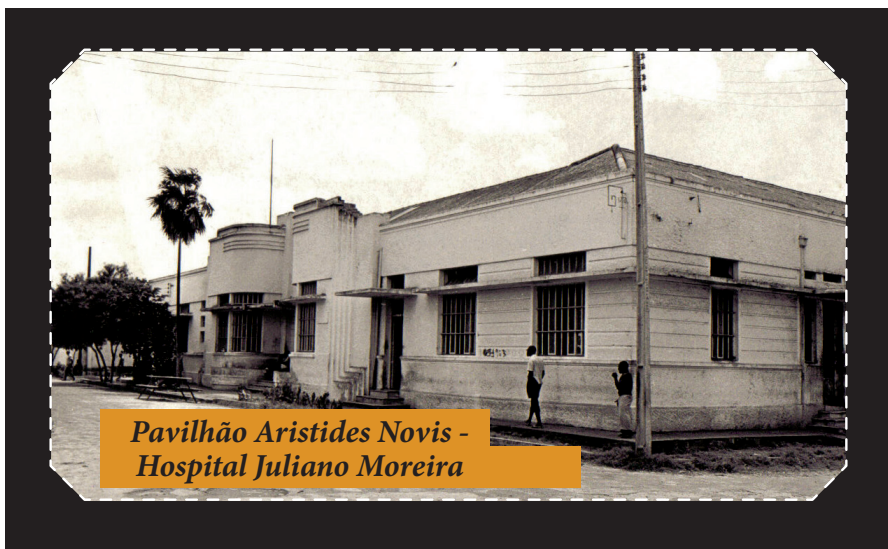
Hospital São João de Deus



Dormitório do Hospital

O sobrado dos Machado foi também o Solar dos Alves, Asilo de alienados, Administração de Hospital Psiquiátrico, sede provisória da Prefeitura da cidade e hoje funciona a Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer.





De Casa Grande dos Machado, chácara da família Castro Alves, a área da Boa Vista teve a sua compra autorizada pela Resolução Provincial nº 1089, com o objetivo de ser utilizada para a fundação de um hospital de alienados. Mas, só em 24 de julho de 1874, com o nome de Asylo São João de Deus, o hospital foi inaugurado sob a responsabilidade da Santa Casa de Misericórdia da Bahia, que ficou com sua tutela até o ano de 1912.

Neste ano, o governo estadual, devido ao agravamento do estado de conservação e manutenção do casarão, toma para si a responsabilidade e torna o sanatório um órgão público. Só em julho de 1925, pela Lei Municipal nº 1811, o Asylo foi renomeado de “Hospital São João de Deus”.

“Nascia o asylo da união ‘contraditória’ entre a Santa Casa, fração do aparelho religioso dominante sobre o Estado monárquico, e o aparelho médico em constituição, ainda em luta pela hegemonia no cuidado à doença – e a loucura em particular.” (JACOBINA, 1922, p. 41)

UM “BAIRRO DE MALUCOS”?

Em 1936, o Hospital São João de Deus passou a ser denominado Hospital Juliano Moreira, em homenagem ao professor Juliano Moreira, falecido em 1932. A sua localização era considerada adequada para um centro de saúde por estar num lugar ventilado e, na época, relativamente afastado do Centro antigo de Salvador.

VOCÊ SABIA?

Um importante arquivo sobre a saúde mental na Bahia está disponível no Memorial Professor Juliano Moreira na Avenida Edgard Santos, s/nº, no bairro Narandiba. Ou pelo site: <www.memorialjulianomoreira.ba.gov.br> ou <www.memorialjulianomoreira.blogspot.com>.

Os anos seguintes, marcados por um desencontro entre o saber médico e as políticas de saúde mental, acabaram levando a um processo de degradação das dependências do Hospital. Novos pavilhões foram construídos, outros reformados, mas os problemas continuavam.



“Não existia esse Parque, o Solar Boa Vista. Tenho lembrança de muito mato por aqui. Aqui era o antigo Juliano Moreira. Era mesmo de doido varrido [risos]. Ia daqui até lá no fim de linha. Era o Juliano, muitos pés de arvoredo e depois foi demolido. Essas casas aí que você tá vendo, não, não tinha não. [...] E muita casa que tá aí hoje, de 20 e tantos anos foi feita com os entulho do Juliano.”

D. Creusa, 72 anos, há mais de 40 anos morando no Engenho Velho de Brotas



“O manicômio Juliano Moreira era considerado um hospício e depósito de loucos, hoje considerado um Hospital de recuperação de pacientes através de uma estrutura mais humanizada.”

Sr. Paulo, 51 anos, funcionário do HJM

VOCÊ QUER SABER MAIS?

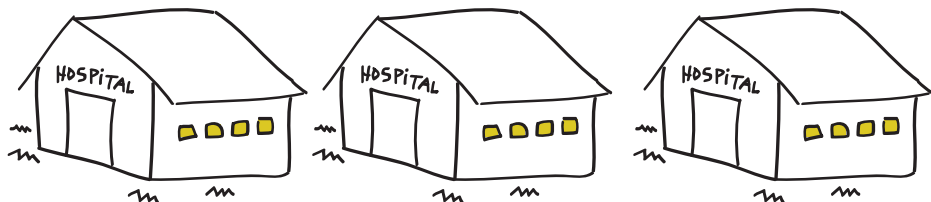
Vale a pena consultar o livro “Juliano Moreira: o mestre; a instituição”. Salvador: EGBA, 2007.

Uma combinação de fatores – políticos, científicos, e sanitários – acabaram levando à desativação do Hospital no Engenho Velho de Brotas e sua transferência para o bairro de **Narandiba**, em 18 de março de 1982.

Conta-se que um dos motivos que influenciou a transferência foi a intenção de se buscar um local que fizesse referências às características originais do Solar Boa Vista, especialmente pela área verde que existia ao seu redor. A região de Narandiba, na época, era uma área em processo de urbanização e ficava afastado de aglomerações residenciais.

Para Sr. Paulo do Nascimento, 51 anos, natural de Salvador, que trabalha há 23 anos no Hospital (quando ele ainda se situava no Engenho Velho), alguns fatores contribuíram para a transferência do Hospital: a situação de lotação, as condições físicas degradadas e um certo temor com recorrentes “fugas” de pacientes, que entravam em casas, algumas vezes agredindo e sendo agredidos nas ruas, abalando a tranquilidade existente no bairro.

Se arredondarmos as contas, entre Asylo São João de Deus e Hospital Juliano Moreira, temos uns 70 anos de história da saúde mental, de suas instalações na Bahia, passadas aqui no Engenho Velho de Brotas.



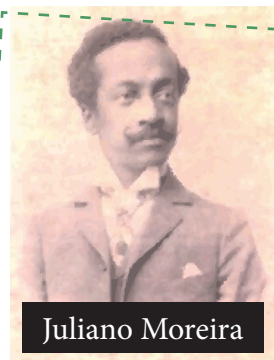
“MANDA PRO JULIANO!”

Mas, por que esse nome?

“Manda pro Juliano!”. Como uma resposta ou solução, ou mesmo ameaça intimidadora, a expressão ficou no imaginário popular como referência ao Hospital de mesmo nome. E este é uma homenagem ao importante médico baiano que deixou seu nome na história como um dos cientistas brasileiros que lutaram contra o racismo.

Pobre e negro, **Juliano Moreira** nasceu em Salvador, na freguesia da Sé, hoje o espaço do **Pelourinho**, em 06 de janeiro de 1873, e foi médico e desbravador da psiquiatria brasileira. Entrou na **Faculdade de Medicina da Bahia**, localizada no **Terreiro de Jesus**, Pelourinho, concluindo o curso com 18 anos, em 1891, passando em seguida a professor da mesma instituição.

O primeiro professor universitário a citar e incorporar a teoria psicanalítica no seu ensino na Faculdade de Medicina. Já na faculdade, Juliano buscava provar que a questão racial não determinava as doenças mentais, e sim certos eram fatores físicos ou sociais, como a falta de higiene e o acesso à educação.



E DEPOIS DO HOSPITAL NO ENGENHO?

No mesmo casarão que abrigou parte das dependências do “Hospital de Alienados”, funcionou a sede da prefeitura de Salvador, entre os anos de 1983 e 1985. Atualmente, nela funciona a **Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer**.

Nos primeiros anos da década 80 também foi realizada uma grande reforma no então largo da Boa Vista, transformando-o no atual **Parque Solar Boa Vista**. Assim, além da chamada “Casa da Torre”, passou a integrar a paisagem do Parque Solar o **Cine Teatro Solar Boa Vista** e outros equipamentos de esporte e lazer, atraindo muitos frequentadores ao local.

Outros dois movimentos foram decisivos no processo formativo do Engenho Velho de Brotas a partir dos anos 80: a construção dos condomínios habitacionais e as ocupações das encostas como é o caso da ocupação Yolanda Pires, hoje denominada **Conjunto Viver Melhor**, no Vale do Ogunjá.

VOCÊ SABIA?

“Ogunjá” é uma palavra de origem africana. Segundo Valde-
nor Rego (apud DOREA, 2006, p. 36), “[...] surgiram vários
terreiros, como o Ilê Ogun Já, fundado e dirigido pelo fa-
moso babalorixá, Procópio Xavier de Souza, nascido filho de
Oxalá, que depois entregou a cabeça de seu filho a Ogun Já.
Com o desenvolvimento urbano da cidade, esse Ilê Ogun Já
emprestou a sua denominação a toda a área em frente, atual-
mente chamada de Vale do Ogun Já.” E a grafia popular uniu
os dois termos: Ogunjá.

Assim, das casas de escravos pulverizadas no entorno de uma fazenda no século XIX para as novas ocupações, o bairro passou por grandes transformações. Entretanto, a população negra sempre foi maioria, tomando conta, se expandindo, lutando e deixando marcas no local pelas ruas assimétricas e na arquitetura flexível e espontânea, diálogo da vida com as necessidades dos momentos.



“Além das avenidas de vale, vários conjuntos habitacionais foram implantados no período, destacando-se, entre 1969 e 1978, a construção de 1432 apartamentos pela Urbis, no conjunto Solar Boa Vista, e de 2882 apartamentos pelas cooperativas da Inocoop.” (VASCONCELOS, 2002, p. 362)



DO ENGENHO AO PARQUE...



Inaugurado no ano de 1984, em meio a uma série de mudanças que o bairro passava, o Parque foi criado no mesmo lugar que, antes, já havia sido ocupado pelo Engenho dos Machado, pelo Asylo São João de Deus e pelo Hospital Juliano Moreira. Ele ocupa uma área de cerca de 35 mil metros quadrados, similar ao largo do Campo Grande.

Nele existiam diversos equipamentos de lazer e esporte como quadras poliesportivas, equipamentos de ginástica, um anfiteatro, e também um lago artificial. Além disso, estavam ali presentes a sede da prefeitura municipal do Salvador, o Cine-Teatro Solar Boa Vista, inaugurado nesse mesmo ano, e o **Centro de Saúde Mental Profº. Aristides Novis**.

Com a transferência da sede da prefeitura para a Praça Municipal, e a instalação da Secretaria Municipal da Educação, aos poucos, a paisagem foi mudando, com a construção de novos prédios anexos à instituição.

Guardado na memória de muitos moradores, hoje, a comunidade do Engenho Velho se mobiliza para tentar revitalizar o Parque, de forma que ele se torne, novamente, um grande espaço para o encontro entre as pessoas da região.

Dona Doralice, a D. Nica

Dona Doralice, mais conhecida como **Dona Nica**, 83 anos, antiga moradora, lembra-nos da vida agitada do Engenho Velho desde sua adolescência. *“Tanta coisa boa. Me lembro dos jogos de futebol, eram torneios, dos afoxés, do clube Biriba, do terno de reis Girassol. Era criança, adolescente... minha vida foi toda dessas coisas. Tinha o Cine Amparo... foi uma das coisas que fez saudade. Era um cinema aqui pertinho. Mas, acabou.”*

Aposentada pela Fundac, antiga Escola de Menores, a “tia Nica”, como chamavam seus pupilos, sempre combinou sua vida às atividades dos blocos e afoxés nos carnavais de bairro, aos ternos de reis, aos “batusques” dos quais a lembrança é viva, às agitações que compunham a vida do bairro há algumas décadas. *“Eu saía de terno, em cordão, em afoxés, acompanhava o Congo d’áfrica, saía no terno Girassol, a gente gostava de representar comédia, eu saía em batucadas. Aqui a gente fazia o 2 de julho, tinha um terreiro aqui de junto que fazia uma festa grande. E a gente rezava o mês de Maria na capelinha do Solar”.*

D. Nica também faz referência a **Mestre Bimba**, o criador da **Capoeira Regional**. *“Eu me lembro que mamãe dizia que não era pra gente ir lá. A gente ia. Teimava. E olhava e escondia... Ele [Mestre Bimba] tinha uma academia aqui no Engenho Velho. Mamãe não gostava... dizia que capoeira era dança de marginalidade, era um tal de pontapé na cara do outro, tapa...”.*

Sem perder sua ternura e solicitude, D. Nica “leva” a vida, como enfatiza tantas vezes, misturando saudade e busca por agitação, “folia”. Participando hoje de um grupo de idosos no bairro Narandiba, a torcedora apaixonada do Bahia, continua mantendo sua vitalidade e compromisso com suas obrigações. Uma delas é a montagem regular de um presépio nos finais de ano.

“Começou quando meu irmão nasceu. Ele nasceu no dia de Natal. Mamãe comprou o deus-menino, a família, nossa senhora... e continuou depois que eu nasci... eu nasci no dia 27 de dezembro. Ele não se interessou, e eu continuei com a tradição. Mamãe me ensinou a armar. Depois que eu nasci e fui crescendo, ela foi armando comigo. Nunca deixei de armar. Quando mamãe faleceu, eu não armei grande assim, eu tava triste. Mas armei. E ela dizia que quem tomava essa obrigação tinha que levar adiante. E ela ainda bem velhinha ficava sentada orientando, dizendo “não era assim, não, bote ali””.

Dona Nica, 83 anos



Mestre Bimba (1900-1974)



Nascido em 23 de novembro de 1900, na então freguesia de Brotas, no atual Engenho Velho de Brotas, **Manoel dos Reis Machado**, filho de Luís Cândido Machado e de Dona Maria Martinha do Bomfim, **Mestre Bimba**, como veio a ser conhecido, foi o criador da **Capoeira Regional**. Fundindo estilos, aproveitando golpes do “bata-que”, do qual seu pai era praticante e campeão, e outras artes marciais, mudando movimentos e ritmo, mexendo na malícia e postura do capoeirista, e criando um código de ética rigoroso, fundou este novo estilo. Mais que

uma luta, Bimba queria recuperar o valor da capoeira como arte marcial, principalmente como estilo de vida. Daí, o rigor e sistemático acompanhamento pedagógico aos seus alunos-praticantes.

VOCÊ QUER SABER MAIS?

No livro “Mestre Bimba – capoeira de mandinga”, Muniz Sodré descreve a trajetória do Manoel dos Reis Machado, o “Mestre Bimba”. O livro inspirou também um vídeo-documentário, “Mestre Bimba – a capoeira iluminada”, dirigido por Luiz Fernando Goulart, que conta, a partir de depoimentos de ex-alunos e com imagens e vídeos a história do criador do estilo regional na Capoeira.

Mestre Bimba fundou uma academia no **Engenho Velho de Brotas** em 1932, o “Centro de Cultura Física e Luta Regional”.

Conta-se que o Mestre Bimba só aceitava em sua academia alunos que tivessem carteira de trabalho assinada, ou ocupados, e estivessem estudando.

O nome “Bimba” se deve a uma aposta entre sua mãe e a parteira pela sua sobrevivência. O infante sobrevivente nasceu com “bimba”, referência popular a órgão genital masculino

Pode-se considerar a **Capoeira** também como um dos principais meios de expansão da língua portuguesa em todo o mundo, uma vez que as aulas, as músicas e sua história são conduzidas em português, contando fatos relacionados à vida e aos costumes do povo brasileiro.

Estima-se que a capoeira – como esporte, arte, luta e/ou jogo – criada no Brasil por brasileiros afro-descendentes, seja hoje praticado por mais de **9 milhões de homens e mulheres** de todas as idades, crenças e descendências em mais de **160 países** em aulas ministradas por milhares de mestres brasileiros.

VOCE SABIA?

Entre 1890 e 1937, a prática da Capoeira era considerada crime previsto pelo Código Penal da República. Exercícios livres na rua podem levar seus praticantes para a reclusão por meses ou a trabalhos forçados. A prática da Capoeira era caso de polícia e seus praticantes eram considerados “vadios”, marginais e delinquentes.

O QUE JÁ NÃO EXISTE MAIS...

As mudanças nos estabelecimentos, na vitalidade de outrora das festas, do carnaval no bairro, dos afoxés, da tranqüilidade do “bairro com ares de interior”, são algumas das saudades daquilo que saiu de cena, deu lugar as novidades e como já não se vê mais, assume outra existência: a memória.

O Hospital Juliano já não existe mais no bairro. Depois de sua presença na saúde mental e na história da ocupação do bairro, como reforça D. Vanina, 84 anos, natural de Castro Alves, veio morar em Pitangueiras, pertinho, hoje no perímetro do bairro, “para ficar mais perto do seu ofício no Juliano”. Enfermeira, D. Vanina aqui ficou, trabalhou, casou, criou os filhos e se aposentou antes que o Juliano mudasse de lugar, registra a saudade das antigas instalações no bairro.



Deixou saudade também o **Cine Amparo**, na Rua Almirante Alves Câmara, s/n, que foi fundado em 1954 por **Crescenciano dos Santos**, conhecido como “Zezinho do Cinema”. Com 350 lugares e funcionamento diário, o Cine do Engenho Velho, como muitos cinemas de bairros, movimentavam as tardes com as matinês e as sessões noturnas, garantindo lazer e diversão para os moradores do local, da **Vila América** e **Vasco da Gama**. Fechado em 1982, deu lugar a um supermercado e, atualmente, nele funciona um templo religioso. Segundo o estudioso **Geraldo Leal**, era comum não efetuar divulgações da programação via imprensa. E, em março de 1968, o cinema exibia filmes como: ‘**Poucos Dólares para Django**’ e ‘**Espionagem em Tanger**’. Mas, em 1977, o negócio já era deficitário.



VOCÊ QUER SABER MAIS?

Uma interessante sugestão sobre os cinemas da Bahia é o livro de **Geraldo Leal** e **Luís Leal Filho**, intitulado “Um cinema chamado saudade”.

AFOXÊ: “NO BADAUÊ TODA GRANDEZA DA VIDA NO SIM/NÃO”



Se não conhece, é certo que já ouviu e cantou alguma canção que lhe fazia referência. Estamos falando do **afoxê Badauê**, criado em 1978, em um 13 de maio, dia da abolição da escravatura, e dia de festa para a cultura negra da cidade. No ano seguinte, se lançou às ruas, descendo a **Ladeira de Nanã**, com a confiança, como canta **Moraes Moreira**, de que “toda cidade vai navegar no mar azul Badauê”.

Muitas são as músicas que o cantam e atestam sua importância para o carnaval de Salvador, e contam ao mundo a efervescência do mais badalado afoxê da cidade.

“As 8h30min da manhã de domingo o bairro do Engenho Velho de Brotas já amanhecia com um colorido diferente, mesmo para um dia de carnaval. Pelas ruas, negros e negras desfilavam com bolas amarelas e azuis, torços amarelos na cabeça e não raro uma música cantarolada misticamente. Eram os primeiros movimentos do afoxê mais badalado de Salvador – o Badauê – que desfilaria a partir das 14h pelas ruas centrais da cidade [...] Com mil integrantes o Badauê sairia pela primeira vez neste carnaval da Curva do Asilo. O afoxê surgiu inicialmente na Ladeira de Nana, onde as raízes africanas eram – e ainda hoje são – muito fortes [...]”
(Correio da Bahia, 4.03.1981)



VOCÊ SABIA?

O acompanhamento de ensaios levou os cantores e compositores Caetano Veloso e Gilberto Gil, o escritor Antônio Risério e o etnólogo Pierre Verger a dedicarem parte de seus trabalhos ao Badaué.

Afoxé badaué
Afoxé aloriá
Afoxé badaué
Afoxé aloriá

Oi salve, salve
Salve, salve quem é grande
Oi salve, salve
Afoxé Filhos de Gandhi

(Gilberto Gil, Afoxé Badaué)

Misteriosamente
O Badaué surgiu
Sua expressão cultural
O povo aplaudiu

(Môa do Catendê, Badaué)

“No badaué (badaué)
Vira menina, macumba,
beleza, escravidão
No badaué (badaué)
Toda grandeza da vida
no sim/não”

No badaué (badaué)
Os orixás nos saudaram
com o sim/sim
Afoxé, jeje, nagô
Viva a princesa menina,
uma estrela
Riqueza primeira de Salvador

(Caetano Veloso, Sim/Não)

Fale o que for
 Mas não esqueça,
 Que o ilê é uma beleza
 Podes crê
 Óóóóó
 Podes crê
 Óóóóó
 Podes crê
 De longe se nota
 A sua riqueza,
 Esmagando sua tristeza
 E o povo co, certeza
 Vai aplaudir
 Óóóóó
 Na liberdade
 Óóóóó
 E na cidade
 Sua criolada engalanada,
 Cem por cento emocionada,
 Delirando toda massa
 Cantando assim:
 Badauê badaba auê auê
 Badaba auê auê
 Badaba auê auê
 Badaba

(Mâ Catendê, interpretada pelo Ilê Aiyê, Badauê)



Eu sou o carnaval em cada es-
 quina do seu coração (menina)
 Eu sou o pierrot e a colombina
 de Ubarana-Amaralina
 Que alucina a multidão
 (eu sou) 2x
 Toda a cidade vai navegar no
 mar azul badauê
 Fazer tempêro, se namorar na
 massa, no massapê (2x)
 Baba de moça no carapuí é
 ganzá, bongô, agogô, pirá (2x)

(Moraes Moreira, Carnaval em cada esquina)



BADAUÊ



Desfile, 1979



Apresentação, 1981



Ensaio, 1979

O ENGENHO VELHO DE BROTAS HOJE...

Se falar do passado já é complicado, seja pela dificuldade com as fontes, seja pelas lacunas ou falhas da memória oral ou dos registros escritos, tentar dar conta do “presente” não foge a regra: lembrar é selecionar! A **memória** seleciona, reajusta, organiza e classifica, fazendo cada recontar novidade. As histórias, lembranças, “causos” e acontecimentos, depoimentos, testemunhos edificam uma maneira ou muitas maneiras de viver, de expressar um jeito de ser e, principalmente, são capazes de fazer referência, de construir **identidade**.

A **tradição oral** vinculada à escrita fortalece/empodera as relações entre as pessoas, criando uma rede de transmissão de conhecimentos e modos

de vida. As palavras viram escrita, estas viram ações – **cum-plicidade**.



Misturar as histórias individuais contribui para a construção/alimentação da **memória social dos lugares**. A história de cada um é a história de

toda a **comunidade**, de toda **sociedade**. Lembrar das histórias, citar algumas de suas expressões/versões, pelo menos de algumas delas, é dar vida fazendo-as circular, fazendo-as conhecidas... e dar movimento as engrenagens que compõem as vidas compartilhadas nos lugares.

Eis algumas das expressões do **Engenho Velho de Brotas** de hoje...

#CineTeatro Solar Boa Vista



O Cine Teatro Solar Boa Vista (SOLAR) é um dos 17 Espaços Culturais administrados pela Fundação Cultural do Estado (FUNCEB), instituição vinculada à Secretaria de Cultura (SECULT). Inaugurado em 06 de Julho de 1984 com o propósito de ser uma opção de cultura, lazer e entretenimento para a comunidade local.

Tem no SOLAR:

Sala Silvio Robatto, com palco em formato misto (taliano e semi-arena), com equipamentos básicos de som, luz e projeção digital, platéia em formato de arquibancada com capacidade para 300 pessoas e espaço para cadeirantes.

Mini-palco no Foyer para performances e pequenas apresentações.

Duas Salas para ensaios e oficinas.

Sala Multimeios para aulas e pesquisas sobre arte e cultura, com livros, CDs, computadores, projetor, televisão e DVD.

VOCÊ SABIA?

A sala de apresentações/exibições do SOLAR se chama Silvio Robatto, em homenagem ao arquiteto que o projetou;

Uma das primeiras apresentações da cantora Cássia Eller em Salvador foi no SOLAR;

O SOLAR teve recorde de público com a peça *Cuida Bem de Mim*, que já teve em sua formação os atores Wagner Moura e Lázaro Ramos.

Foi no palco do SOLAR que a cantora Márcia Short fez a sua primeira apresentação profissional;

O DVD *Ao vivo em Salvador* do cantor Luis Caldas foi gravado no SOLAR com participações especiais de Fagner, Ivete Sangalo, Carlinhos Brown, Durval Lélis, Gerônimo e Armandinho.

O formato do SOLAR, que remete a um avião, foi reproduzido em outros 6 Espaços Culturais da FUNCEB, espalhados pelo interior da Bahia (Alagoinhas, Feira de Santana, Juazeiro, Porto Seguro, Valença, Vitória da Conquista);

Por aqui passou...

Na década de 80, o SOLAR viveu um período áureo, com apresentações de importantes artistas da cena local e nacional. Pelo Solar, já passaram nomes como: Cássia Eller, Nana Caymmi, Djavan, Luiz Caldas, Ivete Sangalo, Márcia Short, Nina, Jussara Mathias, Doddy Só, Fernando Guerreiro, Mário Dias, Dino Brasil, BTCA, Armandinho, Gerônimo, Lázaro Ramos, Wagner Moura, Ana Paula Bouzas, Durval Lélis, Manuel Lopes Pontes, Nilson Mendes, Hirton Fernandes, dentre outros inúmeros artistas.

...De volta à cena

O SOLAR está voltando a se destacar na cena cultural de Salvador, a partir de uma diversificação de sua programação cultural. Além disso, tem buscado envolver artistas, grupos, instituições atuantes principalmente no seu entorno, na construção de um modelo de gestão mais participativo.



CINE TEATRO SOLAR BOA VISTA



Ponto de Cultura Cine-Teatro Solar Boa Vista

Ponto de Cultura é uma das ações que integram o Programa Cultura Viva, do Ministério da Cultura, MinC. Em todo o país, existem mais 2,5 mil pontos de cultura distribuídos em 1122 cidades brasileiras. Eles são entidades reconhecidas e apoiadas financeira e institucionalmente pelo MinC que desenvolvem ações de impacto sócio-cultural em suas comunidades.

A FUNCEB conveniuiu-se ao Ministério da Cultura (MinC), em 2005, tornando o Cine Teatro Solar Boa Vista um Ponto de Cultura, com a proposta de oferecer oficinas de formação artística e de qualificação para outros profissionais atuantes na área cultural. Pelas 61 oficinas que já aconteceram no Ponto de Cultura passaram mais de 850 pessoas e até hoje cerca de 1600 espectadores já assistiram às mostras dos resultados.



Oficina de Dança Contemporânea





O Ponto de Cultura do Cine Teatro Solar Boa Vista contribui com o entorno possibilitando não apenas a capacitação, mas também o fortalecimento da identidade cultural, valorização da produção cultural local, elevação da auto-estima, geração de renda e troca de saberes e fazeres entre artistas locais e artistas de outras regiões.



O Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania, conhecido como Cultura Viva, foi criado no ano de 2004 pelo MINC com o objetivo de estimular e fortalecer a produção cultural no país tendo como base, principalmente, os Pontos de Cultura.

Inicialmente, o Programa era formado por cinco ações: Pontos de Cultura, Escola Viva, Ação Griô, Cultura Digital e Agente Cultura Viva mas, com o passar dos anos, outros prêmios e ações foram sendo criados.

Para saber mais, consulte o site do Minc: www.cultura.gov.br



Fundação Pierre Verger

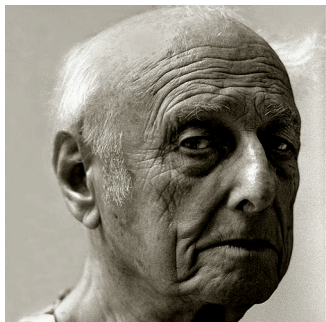


Localizada na **Ladeira da Vila América**, via que liga o Engenho Velho de Brotas à Avenida Vasco da Gama, na mesma casa em que **Pierre Verger** viveu por anos, está a Fundação que lhe empresta o nome.

A Fundação foi criada em 1988, pelo próprio Verger. Após a morte de Verger, em 1996, a Fundação vem procurando dar continuidade à obra do fotógrafo e etnólogo. Além de um centro de informações e pesquisas, a Fundação oferece oficinas em diversas linguagens artísticas, como ação griô, artes plásticas, capoeira angola, dança afro, fotografia, percussão etc.

“[...] consequência de dois de meus amores: o que sinto pela Bahia e aquela que tenho pela região da África situada no Golfo do Benin.”
(Pierre Verger)

Pierre Verger morou aqui!



Pierre Verger nasceu na França em 1902. Fógrafo e etnólogo autodidata, estudioso das relações da chamada **diáspora-africana** (comércio e dispersão da população africana escravizada pelas Américas), o comércio e dispersão da população africana escravizada pelas Américas, das religiões afro-derivadas e das intensas trocas culturais e econômicas com a África.

Viajou o mundo todo, conheceu e documentou com sua câmera, uma máquina *Rolleiflex*, compondo um enorme acervo de imagens das mais variadas culturas.

Esteve pela primeira vez na Bahia em 1946 e seus interesses de pesquisa o levaram a comprar anos mais tarde, em 1960, uma casa na **Vila América**, atraído pela quantidade de terreiros de candomblé da área. Em seus últimos anos de vida, a grande preocupação de Verger passou a ser disponibilizar as suas pesquisas a um número maior de pessoas e garantir a sobrevivência do seu acervo.

VOCÊ QUER SABER MAIS?

É só acessar o portal da Fundação Pierre Verger:
<www.pierreverger.org>.

O GRID



Por volta de 1979, **Wilson Batista Oliveira**, morador do Engenho Velho de Brotas, sofreu um grave acidente de carro e ficou tetraplégico. Do desejo de um mundo menos difícil para as pessoas com deficiência, constituiu o **Grêmio de Funcionários e Pacientes do Instituto Baiano de Reabilitação**, o GIBR, junto com outros pacientes no ano de 1986.

Um ano depois, o GIBR tornou-se GRID, **Grêmio de Integração de Deficientes**, ocupando uma sala disponibilizada pelo próprio IBR, onde realizavam variadas atividades de socialização como xadrez e damas.

Hoje, o GRID é um Ponto de Cultura. Realiza atividades culturais e recreativas na comunidade, organizando o futebol com crianças, cursos de corte e costura, artesanato e a já conhecida festa do caboclo no bairro, integrando e socializando moradores com ou sem deficiências físicas.

Sua bandeira, nos diz D. Ana, co-fundadora da instituição, “é combater a deficiência social que encobre as potencialidades dos portadores de necessidades especiais.” Minando o preconceito e agregando a comunidade, o GRID cumpre sua função social na inclusão e no empoderamento da comunidade do Engenho Velho de Brotas. Sua sede fica na **Rua dos Trovadores**.

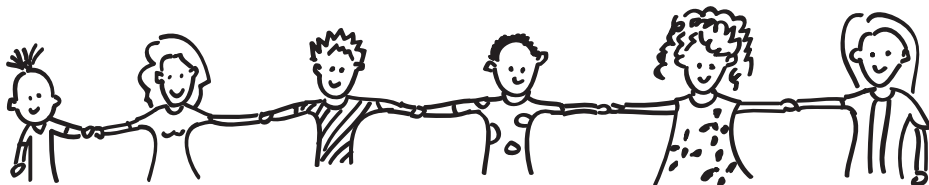
Beje Eró: os ibejis do Ogunjá

Beje Eró, que em ioruba significa “chamar os dois”, é uma associação cultural situada na **Vila Viver Melhor**, no **Vale do Ogunjá**. O grupo surgiu da idealização de **Rejane Maia**, atriz do Bando de Teatro do Olodum, “a baiana do filme *Ô pai ô*”, moradora da Vila Viver Melhor e do arte-educador, **Anativo Oliveira**.

Surgido da necessidade de ocupar crianças e adolescentes, retirando-os das ruas e tentando reduzir os riscos com a exploração do trabalho, uso de entorpecentes e prostituição, a associação realiza projetos de arte-educação por meio da dança, teatro, capoeira e percussão.

VOCÊ QUER SABER MAIS?

Para saber sobre as ações dos “ibejis”, é só acessar o site:
<http://bejeeroart.blogspot.com/> ou mande um e-mail:
bejeero@bol.com.br.



Grupo União e o bloco Ókánbí

Um exemplo de luta, resistência e criatividade: a **Associação Cultural Grupo União**. A Associação desenvolve ações artístico-educativas com o propósito de valorizar as origens do bairro. E, nesta busca, surgiu o **Ókánbí**, fundado em 1982, e que introduziu a beleza do **toque Ijexá** no Carnaval da Bahia. Ele é conduzido pelo pesquisador musical, percussionista e arte-educador, **Jorjão Bafafé**.

O **Bloco Ókanbi** surgiu como afoxé, ganhou o concurso de Momo 83 da TV Itapoã, desfilando pela primeira vez no carnaval do mesmo ano. Depois disso ficou afastado do carnaval, para o reaparecimento em 1997, na lavagem do Porto da Barra, como afoxé alternativo e se transformando em bloco.

VOCÊ SABIA?

Jorge Sacramento de Santana, o Jorjão Bafafé, foi um dos fundadores do afoxé Badauê, participou do Araketu e é criador do bloco Ókánbí. Conhecedor de ritmos africanos, já tocou com grandes nomes da música nacional e internacional, como Jimmy Cliff, Margareth Menezes e Lazzo. Referência para os jovens do Engenho Velho de Brotas pelos seus ensinamentos e estímulo a novos talentos.



MEMÓRIA

Dona Ana

Antes moradora da Sete Portas, Dona Ana Karina, 60 anos, passou a morar no Engenho Velho de Brotas a partir de 1982, atraída pelo comércio de flores no bairro, o que lhe motivou a abrir uma floricultura cujo nome era *Karina Flores*. A necessidade de se dedicar aos cuidados com a sua mãe, somada a uma crise econômica no país, lhe obrigou a fechar a floricultura e abrir uma loja de roupas, alterando o nome para *Karina Confecções*. Do mesmo modo, um ano depois fecha a loja e abre uma lanchonete, mais uma vez alterando o nome para *Karina Lanches*. O comércio a fez conhecida no bairro. Mas, não só ele.

Segundo Dona Ana, “desde a minha chegada no bairro até agora, este não sofreu grandes mudanças, mas as casas passaram por reformas que alteraram suas fachadas.” Conta também que o Condomínio Solar da Boa Vista já existia, mas que presenciou a inauguração do Parque Solar Boa Vista e que este passou a ser o ponto de encontro das famílias do bairro, como também atraiu a vizinhança dos bairros próximos.

“Naquela época, o lazer era bem melhor do que hoje. Logo quando foi inaugurado o Parque Solar Boa Vista, eu me lembro, tinha gangorras, brinquedos... as pessoas vinham fazer piqueniques, colocavam as toalhas no chão... vinha de Cosme de Farias, das adjacências para aqui.”

Regressão: Eu lhe mostraria...

“Eu lhe mostraria aqui o **Cinema Amparo**. Não existe mais. Mostraria-lhe o campo do **Bariri**, que era um campo muito precário, mas muito freqüentado... um campo de bola. Mostraria-lhe essas riquezas culturais, o **Badauê**... eu lhe apresentaria uma comunidade mais participativa, mais amiga... eu lhe mostraria tudo isso e com detalhes! Porque, minha filha, depois dos prédios, cada um vive para si. Por isso eu lhe mostraria as casas sem grades, os meninos empinando pipa no parque, as crianças brincando, os piqueniques, boca de brasa... o badauê desfilando... eu lhe mostraria o carnaval do bairro, que tinha lá no final de linha, os palanques.”
(Dona Ana, 60 anos)



Dona Lili e Dona Ana

DA RESISTÊNCIA ÀS RUAS...

As origens dos nomes das ruas revelam algo sobre suas almas, como nos lembra o cronista João do Rio. Em muitos casos, os nomes representam a luta, a vibração do dia-a-dia da população, seus sonhos e referências, vaidades dos antepassados ou homenagens a estes. De todo modo, são emoções que se perpetuam ou se fazem perpetuar no tempo, vivendo no traçado da cidade. Os nomes anunciam pessoas, famílias, entidades ou logradouros. Eis algumas delas: **Rua da Boa Vista**, **Ladeira de Nanã**, **Rua e Travessa Maria Felipa**, **Rua e Ladeira Manuel Faustino** etc.

Rua Manuel Faustino



Manuel Faustino dos Santos Lira nasceu em Salvador, filho de uma escrava liberta. Em meados da década de 1790, com apenas 18 anos de idade, passou a frequentar reuniões secretas nas quais se discutiam os ideais da Revolução Francesa e sua possível aplicação na sociedade. Assim surge a **Revolta dos Búzios** ou **Conjuração Baiana**, em 1798, movimento que teve fundamental participação de escravos e seus

descendentes, discutindo os caminhos para o Brasil livre da tutela portuguesa, visando uma república na qual a cor da pele não fosse razão para discriminação.

Estes heróis, que plantaram a semente da independência da Bahia 30 anos depois, colocavam nos muros da cidade papéis manuscritos chamando a população à luta: “está para chegar o tempo feliz da nossa liberdade: o tempo em que seremos irmãos: o tempo em que todos seremos iguais”... “Homens o tempo é chegado para vossa ressurreição, sim para que resuscitareis do abismo da escravidão, para que levantareis a sagrada Bandeira da Liberdade”. Temendo uma revolta do povo, governava a Bahia nessa época D. Fernando José de Portugal e Castro, que encarregou o coronel Alexandre Teotônio de Souza de surpreender os revoltosos. **Manuel Faustino dos Santos Lira** foi um dos quatro condenados à morte por enforcamento, sendo executados na **Praça da Piedade**.

VOCÊ SABIA?

João do Rio, pseudônimo de João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, (Rio de Janeiro, 05/08/1881 — 23/06/1921) foi um homem de imprensa, crítico literário, cronista, tradutor e teatrólogo brasileiro. Em 1908, publicou uma conhecida crônica social intitulada: A alma encantadora das ruas. “Ora, a rua é mais do que isso, a rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma.” Um tipo fino de observador, com requintado estilo cômico de descrição do cotidiano, João do Rio imprimiu uma narrativa cheia de graça, leveza, repleta de frases firmes e um tanto contundentes – fruto de reelaborações sobre os exaustivos registros dos costumes e peculiaridades, de emoções colhidas das ruas, das pessoas com quem conversava.

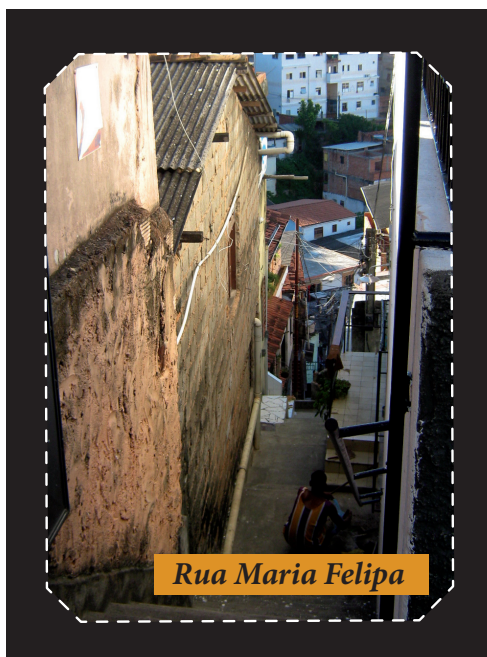


Rua Maria Felipa



Hoje, o Engenho Velho de Brotas pode se orgulhar em ter a Rua Manuel Faustino, e próxima a ela, a **Rua Maria Felipa**. Outra heroína negra, natural de Itaparica, ela se ofereceu como voluntária para espionar as tropas portuguesas em 1822. Maria Felipa foi uma liderança destacada na luta contra o domínio português, quando comandou dezenas de homens e mulheres, negros e índios, na queima de 42 embarcações de guerra que estavam aportadas na Praia do Convento, prontas para atacar Salvador. Esta ação foi vital para a Independência

da Bahia, hoje comemorada no dia 02 de Julho. Em sua biografia destaca-se também a lendária história de quando Maria Felipa usou galhos de cansaço para dar uma surra nos vigias portugueses Araújo Mendes e Guimarães das Uvas. O atestado de óbito de Maria Felipa, datado de 04 de janeiro de 1873, dá uma dimensão de que após a luta da Independência, ela continuou tocando sua vida de marisqueira na ilha, até morrer.



ENGENHO EM MOVIMENTO...

Movido pelo desejo de realizar transformações no bairro, um coletivo formado por instituições educacionais, culturais, sociais, religiosas e esportivas se uniu para criar o **Engenho em Movimento**.

Em comum, essas instituições possuem o anseio por um bairro com menos problemas sociais, com menos violência, menos lixo e menos poluição sonora. Atualmente, as principais pautas do Engenho em Movimento são: a revitalização do **Parque Solar Boa Vista** e a criação do **Conselho Local de Segurança**.

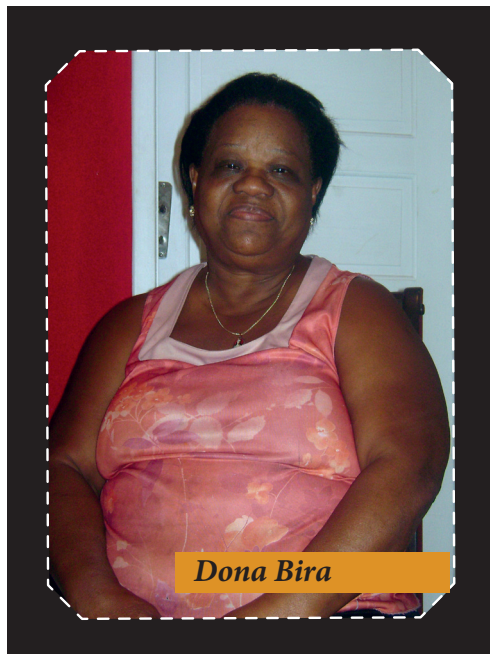
Para chamar a atenção da comunidade, da imprensa e das autoridades, na chegada da primavera, o coletivo colore o Engenho Velho, levando para as ruas mais de 2000 pessoas, principalmente as crianças das escolas do bairro.

Dentre as instituições que já aderiram ao Engenho em Movimento, destacam-se: Associação de Samba Duro, Associação Santa Luzia, Cine-Teatro Solar Boa Vista, Escola Jardim da Acácias, Escola Ninos e Ninas, Escola Municipal Landulfo Alves, Escola Municipal João XXIII, Escola Municipal Martagão Gesteira, Espaço Cultural Pierre Verger, GRID, Grupo União, Programa 2º Tempo – Núcleo de Esportes, Ronda Escolar, SIGA V – Brotas, 26ª CIPM.

VOCÊ QUER SABER MAIS?

Você também pode fazer parte do Engenho em Movimento. Entre em contato e saiba como participar.
E-mail: engenhoemmovimento@hotmail.com

#Dona Bira e Seu Raimundo



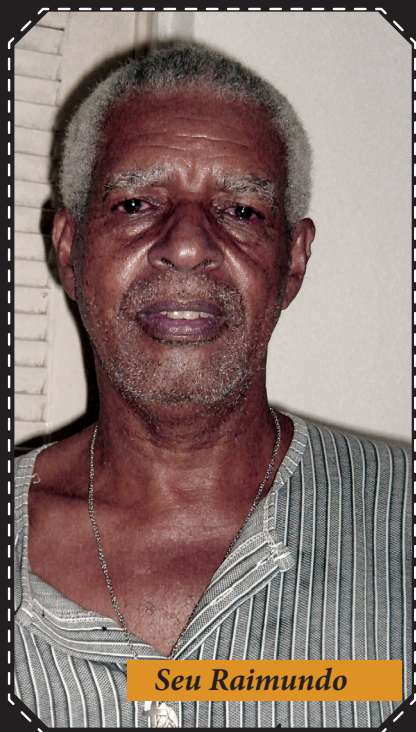
Nascida e criada no Engenho Velho de Brotas, **Dona Ubirajara**, mais conhecida pelos amigos como “Bira”, teve uma infância cercada pelas inúmeras mangueiras e jaqueiras, árvores que faziam parte da paisagem do bairro que também viu crescer. Educada a partir de uma criação rigorosa, **Dona Bira** se lembra do seu desejo adolescente de frequentar o Cinema Amparo, mas que nunca conseguiu realizar porque o pai proibia.

Aos 17 anos, Dona Bira ficou órfã de mãe, o que a fez largar os estudos para cuidar dos seis irmãos.

Hoje, aos 63 anos, se orgulha por ver todos formados. Aposentada, ela ainda costuma colocar uma cadeira na porta de casa para prostrar com os vizinhos, hábito antigo que resiste mesmo com os novos tempos.

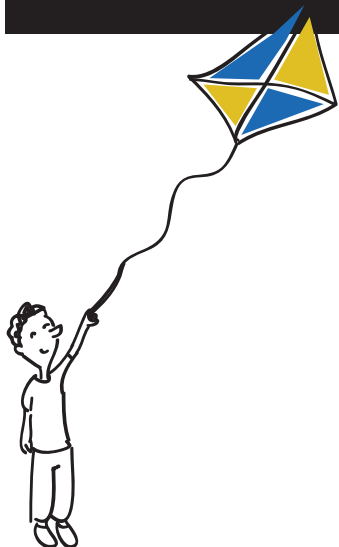
“As ruas do Engenho Velho eram cheias de árvores, com muitos terreiros de candomblé, tinha o do ‘Vavá coice de burro’, descendo a [rua] Manuel Faustino, o da finada Amélia no Largo dos Artistas; o da finada Matilde na Rua Maria Felipa.”

(Dona Bira, 63 anos)



Seu Raimundo

Nascido na Ladeira da Vila América, **Seu Raimundo**, 60 anos, foi professor de matemática na **Escola Martagão Gesteira** e lembra com saudade do tempo em que tinha longas conversas com seu amigo **Pierre Verger**. Tendo crescido no Engenho Velho, lembra-se de uma infância dividida entre os jogos do campo que ali existia, das decidas de rolimã da ladeira até a **Av. Vasco da Gama** e das tardes que passava empinando pipas. Recorda-se que a movimentação acontecia por conta do cenário musical agitado que embalava o bairro, liderado pelo bloco “A fofoca” – depois transferido para o Engenho Velho da Federação – e seguido por outros como “Os Românticos”, “Os Chamegos” e o “Badaué”.



RETICÊNCIAS...

E tem muito mais: muitos personagens, lugares e histórias



Muitos são os personagens, as histórias, as memórias e “causos” do Engenho Velho de Brotas. Da “mangureira” de recados, a “árvore publicitária” utilizada como totem para comunicar, às lutas que configuraram nas ocupações as espacialidades do bairro, uma malha fina e intrincada de significados, pessoas e suas vidas entrelaçadas. Liberdade, loucura, luta, resistência, ocupação são palavras de ordem, sempre presentes na criação e recriação dos lugares. Mas também arte, engenho, criatividade moldam as muitas vidas dos protagonistas, anônimos ou não, citados ou não, conhecidos por todos ou não, que são atores da construção do bairro. Daí as histórias, as trajetórias que dizem de cada um de nós.

O Engenho de Castro Alves é também o Engenho de tantas outras figuras e de tantos outros lugares. É o Engenho da religião, nas suas variadas denominações e credos. É o Engenho da música baiana, do pagode, do samba, do rock, da seresta etc. É o Engenho de variadas ações e instituições que se lançam aos desafios de qualquer bairro de uma grande cidade: o Engenho de corpo e alma.

É o Engenho de muitas **Marias Felipas** e muitos **Manueis Faustinos**, de gente boa e batalhadora, que constrói no dia-a-dia os seus pedaços, o Engenho Velho de Brotas.

Aqui, apenas o fragmento de poucas das muitas histórias que o Engenho Velho de Brotas tem para contar. Pequenas partes do passado, pequeninos pedaços do presente.

É apenas um começo. Rápidos flashes para que a lembrança dos mais velhos não se perca com o tempo. Para que os mais novos possam conhecer suas origem e se situarem no tempo e no espaço da sua própria história.

Este pequeno libreto não termina aqui. Este é apenas o começo de muitas outras histórias que ainda serão vividas, contadas e lembradas.

E você pode contribuir para manter essas histórias e outras histórias sempre viva nas mentes e corações, principalmente dos mais jovens do **Engenho Velho de Brotas**.

Muito mais histórias poderão ser lidas, contadas, recontadas, escritas, ouvidas, assistidas e sobretudo vividas.





ENGENHO VELHO DE BROTAS



AGRADECIMENTOS...

A todos que de maneira direta ou indireta contribuíram com a construção deste livreto, em especial as equipes da Diretoria de Espaços Culturais, do SOLAR e do Ponto de Cultura que não mediram esforços para esta realização. Muitas foram as contribuições e decisivos apoios para a existência deste livreto. Obrigado a **D. Ana**, a **D. Nica**, a **Seu Paulo**, a **Seu Raimundo**, a **Dona Bira**, a **D. Vanina**, ao **Jorjão Bafafé**, a **Rejane Maia**, ao **Anativo Oliveira**, a **Ângela Lühning**, e a todos e todas da comunidade do **Engenho Velho de Brotas** que contribuíram com a realização desta publicação.



ALGUMAS REFERÊNCIAS TEXTUAIS UTILIZADAS PARA A PESQUISA:

AALVES, Castro. Espumas Flutuantes. Rio Grande do Sul: Edelbra, 2000.

ARAÚJO, Ubiratan Castro de. (Org.). Salvador era assim: memórias da cidade. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 1999. 176 p.

BORGES, Jafé. Salvador era assim II. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2001. Redação de Gláucia Lemos. Orientação Histórica de Cid Teixeira.

DOREA, Luiz Eduardo. Os nomes das ruas contam histórias. Salvador: Câmara Municipal de Salvador, 1999.

DOREA, Luiz Eduardo. Histórias de Salvador nos nomes das suas ruas. Salvador: EDUFBA, 2006. (Coleção Bahia de Todas).

EL-BAINY et al. Juliano Moreira: o mestre; a instituição. Salvador: EGBA, 2007. (Memorial Professor Juliano Moreira).

KESSEL, Zilda. Memória e memória coletiva. São Paulo: Museu da Pessoa. Disponível em: http://www.museudapessoa.net/oqueue/biblioteca/zilda_kessel_memoria_e_memoria_coletiva.pdf. Acesso em 03.10.2009. Documento em pdf.

LEAL, Geraldo da Costa; LEAL FILHO, Luís. Um cinema chamado saudade. Salvador: Gráfica Santa Helena, 1997.

LOPEZ, Immaculada. Memória social: uma metodologia que conta histórias de vida e o desenvolvimento social. São Paulo: Museu da Pessoa: SENAC São Paulo, 2008.

RIO, João do. A alma encantadora das ruas (crônicas). São Paulo: Martin Claret, 2007.

SANTOS, Elizabeth; PINHO, José Antônio Gomes de; MORAES, Luiz Roberto

Santos; FISCHER, Tânia (Org.). O Caminho das águas em Salvador: Bacias hidrográficas, bairros e fontes. Salvador: CIAGS/UFBA; SEMA, 2010. (Coleção Gestão Social).

SILVA, Cecília Luz da. A cidade do Salvador nos seus 454 anos. Salvador: EDUNEB, 2005. 197 p.

SILVA, Francisco Pereira da. Castro Alves. São Paulo: Três, 2001. (Coleção A vida dos grandes brasileiros, v. 3).

TAVARES, Luis Henrique Dias. História da Bahia. Salvador: Correio da Bahia, 2000.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. Salvador: transformações e permanências (1549-1999). Ilhéus: Editus, 2002. 456 p.

PARA SABER MAIS

Locais e Instituições de consulta:

Arquivo Histórico Municipal

End. Rua Chile, n.31, Centro - Salvador/Bahia.

Tel. (71) 3322-1486

Arquivo Público do Estado da Bahia

End. Ladeira de Quintas, n.50, Baixa de Quintas - Salvador/Bahia.

Tel. (71) 3244-9751

Associação Cultural Grupo União - BLOCO ÓKÁNBÍ

End. Rua Manoel Faustino, n.26, Praça dos Artistas, Engenho Velho de Brotas - Salvador/Bahia.

Tel. (71) 3326-1561

Biblioteca Pública do Estado da Bahia

End. Rua General Labatut, n.27, Barris - Salvador/Bahia.

Tel. (71) 2201-2100

Cine Teatro Solar Boa Vista

End. Parque Boa Vista de Brotas, s/n, Engenho Velho de Brotas - Salvador/Bahia.

Tel. (71) 3116-1511

Delegacia Especial de Atendimento à Mulher - DAEM

End. Rua Padre Luiz Filgueira, s/n, Engenho Velho de Brotas - Salvador/Bahia.

Tel. (71) 3245-5481

Fundação Cultural do Estado da Bahia - FUNCEB

Rua Gregório de Mattos, casa 29, Pelourinho, Centro - Salvador/Bahia.

Tel. (71) 3116-6658.

Fundação Gregório de Mattos – FGM

End. Rua Chile, n. 31, Centro - Salvador/Bahia.

Tel. (71) 3322-1486

Fundação Pedro Calmon – FPC

End. Av. Sete de Setembro, n. 282, Ed. Brasilgás, 5º a 8º andar, Centro - Salvador/Bahia.

Tel. (71) 3116-6911

Fundação Pierre Verger

End. Segunda Travessa da Ladeira da Vila América, n.6, Engenho Velho de Brotas - Salvador/Bahia.

Tel. (71) 3203-8400

Grêmio de Integração de Deficientes - GRID

End. Rua Almirante Alves Câmara, n.63 / 57- Engenho Velho de Brotas - Salvador/Bahia.

Tel. (71) 3489-0204/ 3354 1417

Instituto Geográfico e Histórico da Bahia – IGHB

End. Avenida Sete de Setembro, n.94A, Centro - Salvador/Bahia.

Tel. (71) 3329-4463

Núcleo Assistencial para Pessoas com Câncer - NASPEC

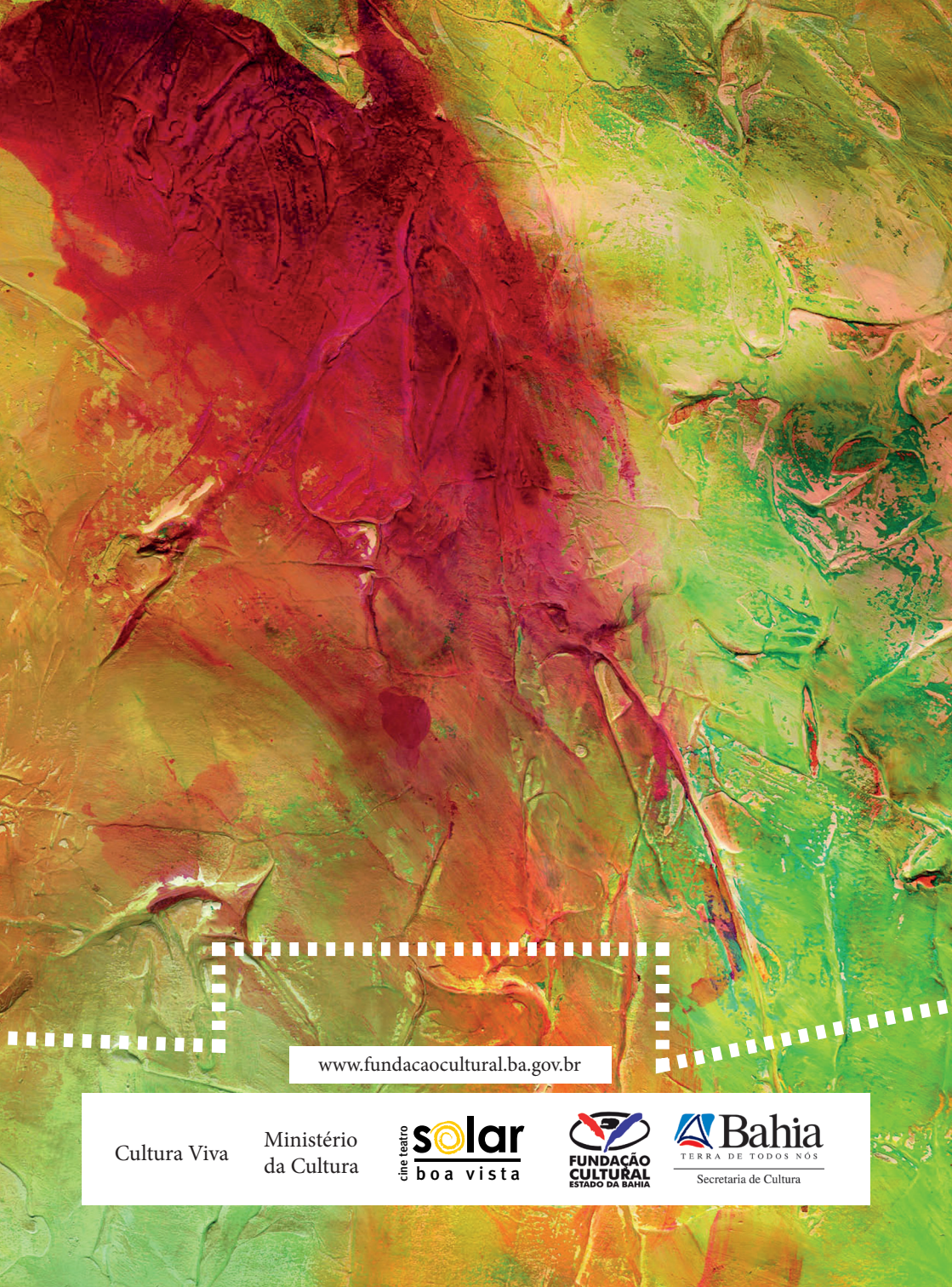
End. Rua Padre Luiz Filgueira, s/n, Engenho Velho de Brotas - Salvador/Bahia.

Tel. (71) 3245-5481

Secretaria de Cultura - SECULT

Rua da Ordem Terceira, n.6, Pelourinho, Centro - Salvador/Bahia.

Tel. (71) 3103-3003



www.fundacaocultural.ba.gov.br

Cultura Viva

Ministério
da Cultura

cine teatro
solar
boa vista


**FUNDAÇÃO
CULTURAL**
ESTADO DA BAHIA

 **Bahia**
TERRA DE TODOS NÓS
Secretaria de Cultura